

# Cristovam luta contra a rejeição

148

Desde que assumiu o governo do Distrito Federal, em 1995, Cristovam Buarque tem travado uma batalha para tentar superar os índices de rejeição — hoje, ele aparece como o candidato mais rejeitado ao governo, com 37%, contra 18% de Joaquim Roriz, 16% de Augusto Carvalho e 7% de José Roberto Arruda. O sonho de Cristovam sempre foi o de conseguir, em sua casa, o que já tem no restante do Brasil: a imagem de um moderno político de esquerda, com idéias originais como o projeto da Bolsa-Escola. Mas a sua situação interna nunca foi fácil. Ele já assumiu com o incômodo de ter aceitado, em sua campanha, contribuições da empreiteira Odebrecht, tão criticada em outras épocas pelo PT.

Logo no início do governo, Cristovam teve que enfrentar as repercussões do escândalo do *marmitagate* — a distribuição irregular com recursos públicos, pelo GDF, de marmitas a manifestantes que vieram a Brasília protestar contra o governo de Fernando Henrique Cardoso. Depois do *marmitagate*, houve um breve período de um mês no qual parecia que a aprovação ao governo tornaria a subir. Foi quando o Buriti, aproveitando os trabalhos da CPI da Grilagem, tomou medidas concretas para dar

início à regularização dos condomínios, o que beneficiaria mais de cem mil famílias.

A reação durou pouco. Em maio do ano passado, a Caesb anunciou um aumento de 64% nas contas de água. O anúncio foi desastroso e nem a bancada governista na Câmara Legislativa apoiou a medida. O governo foi obrigado a voltar atrás. A trapalhada jurídica foi somada, em junho, a um erro político, provocado pelo que seria

uma simples festa: a descoberta de que um diretor da CEB (Companhia Energética de Brasília) havia feito uma “gambiarra” para iluminar a cerimônia de batizado de dois filhos do deputado Chico Vigilante. Detalhe: um dos padrinhos era Luiz Inácio Lula da Silva.

## REAÇÃO

Cristovam respondeu à “gambiarra” vetando um projeto da Câmara Legislativa que regularizava a invasão da Vila Estrutural, e removendo inúmeras famílias. A popularidade voltou a subir, mas, no fim de 1995, houve outro grande desgaste: os aumentos exagerados do IPTU e do IPVA, que acabaram sendo parcialmente bloqueados pela Câmara Legislativa e pela Justiça. Em fevereiro de 1996, Cristovam tentou reagir com mudan-

ças na equipe. Mas os secretários de Governo, Hélio Doyle, e Comunicação, Moacyr de Oliveira, saíram fazendo pesadas críticas ao governo.

Ao longo de todo o seu mandato, Cristovam enfrentou problemas até mesmo com os aliados petistas, como os deputados distritais Lúcia Carvalho e Geraldo Magela, que chegaram a dificultar a aprovação de projetos de interesse do governo.

Em maio do ano passado, Cristovam tentou sair do *inferno astral* e iniciou, com o objetivo de tentar reverter os seus índices de rejeição, aquilo que os *marqueteiros* do PT chamam de “fase prefeito”. Ele começou a inaugurar, quase diariamente, pequenas obras e novos projetos sociais. O GDF passou a gastar como nunca em publicidade, e programas sociais como o BRB-Trabalho, o Orçamento Participativo e a campanha contra a prostituição infantil.

## RECAÍDA

Em julho de 1996, quando as coisas pareciam começar a melhorar, ele enfrentou uma greve de servidores que o atrapalhou novamente. Naquele momento, a batalha parecia perdida. A partir daí, contudo, nem o escândalo da arapongagem da PM2, em setembro, abalou a ascensão da popularidade do governador.

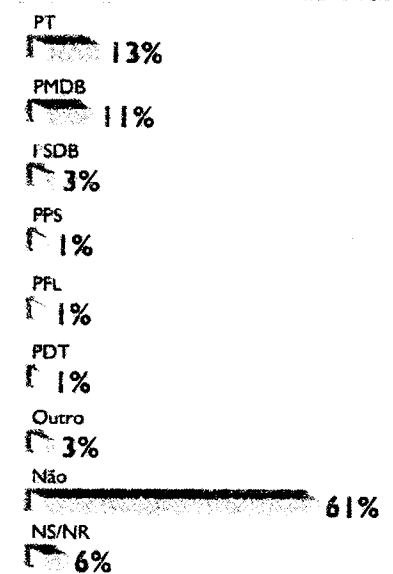
No final de 1996, uma nova crise. Sempre enfrentando dificuldades de caixa — em parte por não conseguir aprovar todos os projetos que poderiam melhorar a arrecadação do governo — Cristovam não conseguiu pagar em dia o décimo-terceiro salário do funcionalismo, o que jamais havia acontecido antes na história do Distrito Federal. E ainda foi acusado de esconder, numa conta bancária em Goiânia, o dinheiro que poderia servir para fazer o pagamento.

Em 1997, Cristovam começou a colher os frutos das campanhas pela Paz no Trânsito (iniciada em setembro de 1996) e Brasília Legal, que teve, como uma de suas principais medidas, a remoção, do estacionamento do estádio Nilson Nelson, da Feira do Paraguai.

Mas a dificuldade de Cristovam de reverter os índices negativos de popularidades não precisa ser encarada, necessariamente, como um fato irreversível. Paulo Maluf (ex-prefeito e ex-governador de São Paulo), por exemplo, precisou de 12 anos para mudar sua imagem. Desde que foi derrotado em 1984 por Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, Maluf levou oito anos até ser aceito regionalmente e se eleger prefeito de São Paulo, em 1992. Quatro anos depois, conseguiu fazer o próprio sucessor, o até então desconhecido Paulo Pitta.



## MELHOR PARTIDO



## PIOR CANDIDATO

